A Peleja de Leandro Gomes com uma Velha de Sergipe

LEANDRO GOMES DE BARROS

LEANDRO GOMES DE BARROS

É considerado como o primeiro escritor brasileiro de literatura de cordel, tendo escrito aproximadamente 240 obras. No seu tempo, era cognominado "O Primeiro sem Segundo", e ainda é considerado o maior poeta popular do Brasil de todos os tempos, autor de vários clássicos e campeão absoluto de vendas, com muitos folhetos que ultrapassam a casa dos milhões de exemplares vendidos.

Compôs obras-primas que eram utilizadas em obras de outros grandes autores, como por exemplo Ariano Suassuna, que utilizou a história do cavalo que defecava dinheiro no seu Auto da Compadecida.

Depois de fundar uma pequena gráfica, em 1906, seus folhetos se espalharam pelo Nordeste, sendo considerado por Câmara Cascudo o mais lido dos escritores populares.

Segundo Carlos Drummond de Andrade, Leandro Gomes de Barros foi "o rei da poesia do sertão e do Brasil".

Segundo Permínio Ásfora, teria sido preso em 1918 porque o chefe de polícia considerou afronta às autoridades alguns dos versos da obra O Punhal e a Palmatória, trama que tratava de um senhor de engenho assassinado por um homem em quem teria dado uma surra e deixado-o sangrando os olhos.

Leandro morreu dia 4 de março de 1918, vitimado pela gripe espanhola, em Recife aos 52 anos.

Fonte: Wikipédia.

Este cordel é uma obra de Domínio Público e foi obtido na Wikisource, formatado por Cárlisson Galdino.

Eu ainda estava orelhudo

Com estes versos que faço

Porque nunca achei poeta

Que me fizesse embaraço

Porém uma velha agora

Quase me quebra a cachaça

A velha fez-me subir

Onde nem urubu vai

Andei numa dependura

Já está cai ou não cai

Ainda chamei tio o gato

Tratei cachorro por pai

Quando partiu foi babando

O corpo vinha tremendo

Antes de dar boa noite

De longe me foi dizendo:

"Meu amigo eu venho metê-lo

Entre um quente e dois fervendo"

Eu sei que o senhor é duro

Eu cá sou da mansidão

Porém só pode salvar-se

Se eu lhe der a certidão

Pois o boi na terra alheia

Até as vacas lhe dão

Eu andava nos meus negócios

No estado de Sergipe

Uma noite me hospedei

Em casa de um tal Felipe

Aonde havia uma velha

Da serra do Araripe

Disse-me o dono da casa:

— Eu aqui tenho um colosso

Uma poetisa velha

Que dá em poeta moço

Quem faz verso nesta terra

Está hoje comendo grosso

Eu disse: — Senhor Felipe

Garanto a vossa mercê

Que neste planeta terra

Não há mulher que me dê

O velho olhou para mim

E perguntou-me: — Por quê?

E disse: — Digo-lhe já

Moleque não me dá vaia

Parola não me intimida

Nem pabulagens me ensaia
E nas unhas dessa velha
Não há duro que não caia

Disse o velho: — Sr. Barros
A velha é prova de fogo
Discute com qualquer um
E não precisa de rogo
Eu disse: — Traga ela cá
A boca é quem faz o jogo

O velho Felipe disse:
— Venha cá dona Manhosa
Se apronte para ver
A questão mais perigosa
A velha de lá soltou
Uma risada gostosa

A velha disse: — Já vou
E com pouco mais saiu
Então chegando na sala
Torceu a cara e cuspiu
Sentou-se num banco velho
Tomou tabaco e tossiu

Eu quando vi a marmota
Alta, seca e carrancuda
Tirar-me uns olhos cinzentos
Se conservando sisuda
Eu disse com meus botões
Não há santo que me acuda

Então perguntou ali:
— Felipe para que me quer?
Chamou-me com tal vexame
Que nem aprontei-me sequer!

— Para mostrar-lhe o escritor
De peso de uma mulher

A velha cravou-me a vista
E fez um cacarejado
Olhou-me de baixo acima
Botou os quartos de um lado
Rosnou e partiu a mim
De chapéu de sol armado

Chegou e disse: — Sr. Barros
Eu desejava encontrá-lo
Porque pelos seus escritos
Não deixo de censurá-lo
Só quem não tem consciência
Deixará de criticá-lo

Eu disse: — Minha senhora

São os revezes da sorte

O gênio tem dois destinos:

É um fraco e outro forte

Uns blasfemam contra a vida

Outros aplaudem a morte

Perguntou ela: - Por que?

Fala o senhor de mulher?

Não aprendeu desculpar

As faltas que uma tiver?

Nem a sua própria mãe

Você não ira sequer

Respondi: — Minha senhora

Isto não quer dizer nada

Eu não falo sobre a honra

De uma donzela ou casada

Digo apenas, a mulher

É uma carga pesada

Ela suspirou e disse:

— Fique certo meu amigo

Que para qualquer mulher

Casamento é um perigo

Casar-se com certos homens

Não dar-se maior castigo

Eu disse a ela: — Colega

Você pode calcular

Uma mulher fica em casa

O homem vai trabalhar

Com o suor de seu rosto

Ganho para ela estragar

A velha disse: — Não há

Marido sem mau costume

Quando não é cachaceiro

É vadio e tem ciúme

Nestas condições assim

Não há mulher que se arrume

Eu disse: — Minha senhora

O homem é um inocente

Trabalha para viver

Até morrer ou ficar doente

Ela que fica em casa

Estraga danadamente

Sai logo de madrugada

Vai ao campo trabalhar

A mulher fica deitada

Sem nada a incomodar

De nove para dez horas

É que vai se levantar

A velha diz isto assim:

— É coisa que não convém

Quem trabalha o dia inteiro

Há de descansar também

A mulher não é de ferro

Nem escrava de ninguém

— A senhora fique certa

O que digo é com razão

A mulher geme sem dor

E gesta sem precisão

Casamento é para o homem

É ascarosa prisão

Disse a velha: —- Meu senhor

Não há marido que sirva

Por melhor que a mulher seja

Trabalhadora e ativa

Ele traz a vista nela

É capaz de a comer viva

Eu disse: — Minha senhora

Marido nenhum faz isso

Sacrificar-se por ela

Isso é claro e bem visto

Ela diz com seus botões

Carrego a madeira, Cristo

Disse a velha: — Vossa mercê

Não parece ser casado

Se achou mulher que coisse

Eu lamento o seu estado

Como também me parece

Que o senhor foi enjeitado

Eu aí pensei um pouco

E disse com meus botões:

Essa cabra velha tem

Miseráveis expressões

Agora me deu o título

De filho de dez tostões

Disse a velha: — Porque acha

Pesado assim a mulher

E diz que é um animal

Que nele não há mister

Só por ela lhe pedir

O que em casa não tiver?

Levanta que a mulher pede

Verdura, fruta e toucinho

Banha, massa de tomate

Alho, pimenta, cominho

Se não pedir ao marido

Há de pedir ao vizinho?

O senhor diz que a mulher

De todas formas atrasa

Porque o pires quebrou-se

O bule largou a asa

A chaleira está velha

No fogo fura-se e vaza

Não querendo despesa

Procure um jeito qualquer

Faça de uma cuia um prato

E de um espeto talher

Deixe de comprar fazenda

Viva nu com a mulher

Eu disse dentro de mim

O que serpente assanhada

Qual seria a cascavel

Quem pariu essa danada

Fiz logo sinal da cruz

Disse: votes excomungada

Lhe disse: — A senhora sabe

Que a mulher é uma cruz

E sofre mais do que Cristo

O marido que a conduz

É um cego no deserto

Vaga sem guia e sem luz

Disse ela: — E a mulher

A que ponto vem chegar?

Haverá maior sentença

Do que uma se casar?

Só ela pensa no genro

Que a mãe tem que suportar

Eu disse: — Minha senhora
Ainda não ouvir dizer
Que um genro neste mundo
Fizesse a sogra sofrer
Só esse nome de sogra
Faz ele todo tremer

A velha disse: — O senhor
É muito livre em falar
Põe defeito em quem criou
Uma filha para te dar
Você agradece tanto
Quem paga em maltratar

O senhor chora a despesa
Que com a família tem

Para que foi se casar?

Não obrigou ninguém

A mulher está na razão

De fazer queixa também

Ele vai para o trabalho

Volta a hora que quiser

Deixando com que em casa

Pode ordenar a mulher

E escolher da cozinha

A comida que quiser

Vem cansado chega em casa

Deita-se e vai descansar

Ela vai para cozinha

Fazer almoço e jantar

Depois da mesa está posta

A mulher vai o chamar

Acorda-o com muito jeito

Trata-o com muito carinho

Diz o jantar está pronto

Vamos jantar meu negrinho

Eu esperei por você

Você não janta sozinho

Me diga agora senhor

O que quer que a mulher faça

Além de criar a família

Suportar mais a desgraça

Ter um marido vadio

Que jogue e beba cachaça

Quando no fim da semana

Vai o homem fazer a feira

Gasta o dinheiro das compras

No jogo e na bebedeira
A mulher passando em casa
Com fome a semana inteira

Porque ele não traz nada
A pobre infeliz não come
Se os pais não morassem perto
Ela teria que passar fome
Pois o marido lhe trouxe
Cachaça, empurrão e nome

Eu pergunto-lhe: — A senhora
Teve em algum tempo marido?
— Tive quatro disse ela
Cada qual mais atrevido
Ainda dou graças a Deus
Eles já terem morrido

Eu disse: — Minha senhora
Eu quero lhe confessar
Infeliz de um desses quatro
Que chegasse a escapar
Os sofrimentos de todos
Qualquer pode calcular

Ela disse: — Sim, senhor
No brando o senhor se estende
Não venha com panos mornos
Aonde tem quem entende
Quem por si julgar a mim
Já vê que assim não me ofende

Eu não fui tão mal casada
Como senhor. está pensando
Tive poucas desavenças
Sempre estava tolerando

Tive muita paciência

Meu gênio sempre foi brando

Mas meu primeiro marido

Fez-me demais esta assim:

Para casar-se com outra

Tencionava me dar fim

O segundo envenenou-se

E não era o mais ruim

O terceiro desgostou

Por eu não ser muito alva

Dizia sempre por fora

Que eu o envergonhava

Sabe o que fez uma vez?

Quis me vender como escrava

O quarto era homem sério

Dizia ser bom marido
Esse só faltou fazer-me
Beber chumbo derretido
Roubou-me para jogar
Sapatos, xale e vestido

E assim mesmo o senhor
Só se refere à mulher
Contar as faltas do homem
Isso o senhor não quer
Eu tenho lembrança
Digo tudo que um tiver

Eu disse: — Vossa mercê
É uma fera no campo
Bafejo de sua boca
Onde bater tira o tampo
Seu pensamento é a cólera

E sua língua sarampo

Disse a velha: — Sim senhor
Você gosta de ferir
Agrava a quem não lhe ofende
E pode até lhe servir
E desses que quer dizer
Porém não gosta de ouvir

Então eu lhe perguntei:
— Já acabou de falar?
— Não principiei agora
Inda tenho o que falar
Eu sou velha neste mundo
Não ando por ver andar

Eu disse: — Também sou velho
Sou corrido e traquejado

Eu tenho visto as misérias
Que no mundo tem se dado
E milhares de mulheres
As manhas têm me ensinado

Uma mocinha solteira
Dana-se para namorar
Com mesuras e carinhos
Faz o homem se levar
Para iludi-lo, chora
E sorri para o matar

A mulher é o objeto
A quem eu quero mais bem
Não há quem conte as maldades
Que a mulher consigo tem
Todos acreditam nela
Ela não crê em ninguém

Então a velha me disse:

— O homem é malicioso

Entre os homens verdadeiro

Tira-se o mais mentiroso

Cheio de sofismações

Impuro pecaminoso

Quando a velha se calou

Que deu-se fim à contenda

Eu disse: Só no inferno

Se achará desta fazenda

Foi o diabo sem dúvida

Que mandou-me esta encomenda

Eu ainda não tinha achado

Quem fizesse eu me calar

Mas a demanda da velha

Fez até eu me engasgar

Botou-me em cantos tão feios

Que eu não julguei mais voltar

Quando foi no outro dia

Arrumei-me, fui embora

Com medo que a tal serpente

Tornasse a vir cá fora

Jurei não voltar mais

Aonde o tal diabo mora